

Prop.: José Bernarde da Silva

Peleja do Cego Aderaldo Com Zé Prelinho

APRECIEM meus leitores
uma forte discussão
que tive com Zé Prelinho
um cantador do sertão
o qual no tanger do verso
vence qualquer questão

Um dia determinei
a sair do Quixadá
uma das belas cidades
do Estado do Ceará
fui até ao Piauí
ver os cantores de lá

Hospedei-me em Pimenteira
depois em Alagoinha
cantei no Campo Maior
no Angico e na Baixinha
de lá tive um convite
para cantar na Varzinha

Quando cheguei na Varzinha
foi de manhã bem cedinho
então o dono da casa

me perguntou sem carinho:
cego, você não tem medo
da lama de Zé Pretinho?

Eu lhe disse: não senhor
mas da verdade eu não zombo
mande chamar êsse preto
qu'eu quero dar-lhe um tombo
êlé vindo, um de nos dois
hoje há de arder o lombo

O dono da casa disse:
Zé Preto pelo comum
dá em dez ou doze cegos
quanto mais sendo só um;
mandou um macumanzeiro
chamar José do Tucum

Chamou um dos filhos e disse:
meu filho, você vá já
dizer a José Pretinho
que desculpe eu não ir lá
e êle como sem falta
à noite venha por cá

Em casa do tal Pretinho
foi chegando o portador
foi dizendo: lá em casa
tem um cego cantador
o meu pai manda dizer
que vá tirar-lhe o calor

Zé Pretinho respondeu:
 bom amigo é quem avisa
 menino, dizel ao cego
 que vá tirando a camisa
 mande benzer logo o lombo
 que eu vou dar-lhe uma pisa

Tudo zombava de mim
 eu ainda não sabia
 que o tal José Pretinho
 vinha para a cantoria
 às cinco horas da tarde
 chegou a cavalaria

O preto vinha na frente
 todo vestido de branco
 sen cavalo encapotado
 com um passo muito franco
 riscaram de uma só vez
 todos no primeiro arranco

Saudaram o dono da casa
 todos com muita alegria
 o velho bem satisfeito
 folgava alegre e sorria
 vou dizer o nome do povo
 que veig pra cantoria

Vieram o capitão Duda
 Tonheiro e Pedro Galvão
 Augusto Antônio Feitosa

Francisco Manoel Simão
 senhor José Carpinteiro
 Francisco e Pedro Aragão

O José da Cabeceira
 e seu Manoel Casado
 Chico Lopes, Pedro Rosa
 e Manoel Bronzeado
 Antônio Lopes de Aquino
 e um tal de «Pé Furado»

José Antônio de Andrade
 Samuel e Jeremias
 senhor Manoel Tomás
 Manduca João de Ananias
 e veio o vigário velho
 cura de três freguezias

Foi dona Meridiana
 do Grémio das Professôras
 essa levou duas filhas
 bonitas e encantadoras
 essas eram na igreja
 as mais exímias cantoras

Foi também Pedro Martins
 Alfredo e José Raimundo
 senhor Francisco Palmeira
 e João Sampaio Segundo
 e um grupo de rapazes
 do batalhão vagabundo

Levaram o negro pra sala
 e depois para a cozinha
 lhe ofereceram um jantar
 de doce, queijo e galinha
 para mim veio um café
 com uma magra bolachinha

Depois trouxeram o negro
 e colocaram no salão
 assentado num sofá
 com a viola na mão
 junto a uma escarradeira
 para não cuspir no chão

Ele tirou a viola
 dum saco novo de chita
 e cuja viola estava
 toda enfeitada de fita
 ouvi as moças dizendo:
 grande viola bonita!

Então para me sentar
 botaram um pobre caixão
 já velho, desmantelado
 desses que vêm com sabão
 eu sentei, ele envergonhou
 e me deu um beliscão

Eu tirei a rabequinha
 dum pobre saco de melão
 um pouco desconfiado

por estar em terra alheia
 ouvi as moças dizendo:
 meu Deus, que rabeca feia!

Um disse a Zé Pretinho:
 a roupa do cego é suja
 bote três guardas na porta
 para que ele não fuja
 cego feio assim de óculos
 só parece uma coruja

Dissera o capitão Duda
 como homem mal sensato:
 vamos fazer uma bolsa
 botem o diaheiro no prato
 que é mesmo que botar
 manteiga em venta do gato

Disse mais: eu quero ver
 Pretinho espalhar os pés
 e para os dois cantadores
 tirei setenta mil réis
 mas vou inteirar oitenta:
 da minha parte dou dez

Me disse o capitão Duda:
 cego, você não estranha
 este dinheiro do prato
 eu vou lhe dizer quem ganha
 pertence ao vencedor
 nada leva quem apanha

Nisso as moças disseram:
 já tem oitenta mil réis
 porque o capitão Duda
 do parte d'ele deu dez;
 se encostaram a Zé Pretinho
 e botaram mais três anéis.

Então disse Zé Pretinho
 de perder não tenho medo
 este cego apanha logo
 falo sem pedir segredo;
 tendo isso como certo
 botou os anéis no dedo

Afinamos os instrumentos
 entramos em discussão
 o meu guia disse a mim:
 o negro parece o cão
 tenha cuidado com êle
 quando entrar em questão

Eu lhe disse: seu José
 sei que o senhor tem ciência
 parece que é dotado
 da Divina Providência
 vamos saudar ao povo
 com a justa excelência

P--Sai daí, cego amarelo
 côr de couro de toucinho
 um cego da tua forma

chama-se abusa vizinho
 aonde eu botar os pés
 cego não bota o focinho

C—Já vi que o seu Pretinho
 é um homem sem ação
 como se maltrata outro
 sem haver alteração?
 eu pensava que o senhor
 possuísse educação

P—Este cego bruto, hoje
 apanha que fica roxo
 cara de pão de cruzado
 testa de carneiro mocho
 cego, tu és um bichinho
 quando come vira o coxo

C—Seu José, o seu cantar
 merece ricos fulgares
 merece gabar na sala
 rosa e trovas de amôres
 mais tarde as noças lhe dão
 bonitas palmas de flôres

P—Cego, eu creio que tu és
 da raça do sapo sãnga
 cego não adora a Deus
 o Deus de cego é calunga
 aonde os homens conversam
 o cego chega e resmunga

C.—Zé Preto não me aborreça
 com o teu cantar ruim
 o homem que canta bem
 não trabalha em verso assim
 tirando as faltas que tem
 botando em cima de mim

P.—Cala-te, cego ruim
 cego aqui não faz figura
 cego quando abre a boca
 é uma mentira pura
 o cego quanto mais mente
 inda mais sustenta a jura

C.—Este negro foi escravo
 por isso é tão positivo
 quer ser na sala de branco
 exagerado e ativo
 negro da canela seca
 todo êle foi cativo

P.—Dou-te uma surra
 de cipó de urtiga
 te furo a barriga
 mais tarde tu urra
 hoje o cego esturra
 pedindo socorro
 sai dizendo: eu morro
 meu Deus, que fadiga!
 por uma intriga
 eu de medo corro

C---Se eu dar um tapa
num negro de fama
êle come lama
dizendo que é papa
eu rompo-lhe o mapa
lhe rasgo de espora
o negro hoje chora
com febre e com lingua
eu deixo-lhe a lingua
com um palmo de fora

P---No sertão eu peguei
um cego malerriado
danei-lhe o machado
calu, eu sangrei
o couro eu tirei
em regra de escala
espichei numa sala
puxei para um beco
depois dêle sêco
fiz mais duma mala

C---Negro, és monturo
molambo rasgado
cachimbo apagado
recanto de muro
negro sem futuro
perna de tição
bôca de purrão
beijo de gamela
venta de moela
moleque ladrão

P—Vejo a cousa ruim
 o cego está danado
 canto moderado
 que não quero assim;
 olhe para mim
 que sou verdadeiro
 seu bom companheiro
 canto sem maldade;
 eu quero a metade
 cego, do dinheiro

C—Nem que o negro seque
 a engolideira
 peça a noite inteira
 qu'eu não lhe abrequê
 mas este moleque
 hoje dá pinote
 bôca de bispote
 venta de boeiro
 tu queres dinheiro
 eu dou-te chicote

P---Cante mais moderno
 perfeito e bonito
 como tenho escrito
 eá no meu caderno
 sou seu subalterno
 embora estranho
 creio que apaaho
 e não dou um caldo
 lhe peço, Aderaldo
 reparta o ganho

C—Negro é raiz
 que apodreceu
 casco de judeu
 moleque infeliz
 vai pra teu país
 se não eu te surro
 dou-te até de murro
 te tiro o regalo
 cara de cavalo
 cabeça de burro

P—Fale doutro jeito
 com melhor agrado
 seja delicado
 cante mais perfeito
 olhe, eu não aceito
 tanto desespero
 cante mais maneiro
 com verso capaz
 façamos a paz
 e reparta o diaheiro

C—Negro careteiro
 eu rasgo-te a giba
 cara de guariba
 pajé feliceiro
 queres diuheiro
 barriga de angu
 barba de quando
 camisa de saia
 te deixo na praia
 escovado urubu

P—Eu vou mudar de toada
 pra uma que mete mêdo
 nunca encontrei contader
que desmanchasse este enredo
 é 1 dedo, é 1 dado, é 1 dia
 é 1 dia, é dado, é 1 dedo

C—Zé Preto, êste teu enrêdo
 te serve de zombaria
 tu hoje cegas de ralva
 o diabo será teu gula;
 é 1 dia, é 1 dado é 1 dedo
 é 1 dedo, é 1 dado é 1 dia

P—Cego, respondeste bem
 como tivesse estudado
 eu também da minha parte
 canto verso aprumado;
 é 1 dado, é 1 dedo, é 1 dia
 é 1 dia, é 1 dedo, é 1 dado

C—Vamos lá, José Pretinho
 que eu já perdi o mêdo
 sou bravo como leão
 sou forte como penedo;
 é 1 dedo, é 1 dia, é 1 dado
 é 1 dado, é 1 dia, é 1 dedo

P—Cego, agora puxa uma
 das tuas belas toadas
 para ver se estas moças

dão algumas gargalhadas
quase todo povo ri
só as moças estão caladas

C—Amigo José Pretinho
eu não sei o que será
de você no fim da luta
porque vencido já está;
quem a paca cara compra
a paca cara pagará

P—Cego, estou apertado
que só um prato no ôvo
estás cantando apromado
e satisfazendo ao povo
êste seu tema de paca
por favor diga de nôvo

C—Disse uma e digo dez
no cantar não tenho pompa
presentemente não acho
quem o meu mapa rompa;
paca cara pagará
quem a paca cara compra

P—Cego, teu peito é de aço
foi bem ferreiro que fez
pensei que o cego não tinha
no verso tal rapidez
cego, se não fôr massada
repita a paca outra vez

C--Arre com tanta pergunta
 dêste negro capivara
 não há quem cuspa pra cima
 que não lhe caia na cara
 quem a paca cara compra
 pagará a paca cara

P--Agora, cego, me ouça
 cantarei a paca, já
 tema assim é um borrego
 no bico dum "carcará"
 quem a cara cara compra
 caca caca cacará

Houve um trovão de risadas
 pelo verso do Pretinho
 o capitão Duda disse:
 arreda pra lá, negrinho
 vai descansar teu juízo
 que o cego canta sôzinho

Ficou vaiado o Pretinho
 aí eu lhe disse: me ouça
 José, quem canta comigo
 pega devagar na louça
 agora o amigo entregue
 o anel de cada moça

Desculpe, José Pretinho
 se não cantei a seu gosto
 negro não tem pé, tem gancho

não tem cara, tem é rosto
 negro na sala de branco
 só serve pra dar desgosto

Quando eu fiz êstes versos
 com a minha rabequinha
 procure! o negro na sala
 já estava na cozinha
 de volta queria entrar
 na porta da camarinha

— F I M —

ATENÇÃO!

Se o amigo deseja o seu Horóscopo
 Completo, por favor mande a data do seu
 nascimento seguida de Cr\$ 3.000.
 Logo que cheguem ás nossas mãos, en-
 viaremos seu Guia com as indicações
 seguintes: épocas desfavoráveis, artes,
 negócios, casamento, pedras, cores,
 dias felizes e muitas outras coisas sô-
 bre sua vida. Envie á Tip. S. Francisco,
 Rua São. Luzia, 263 — Juazeiro - Ceará

Tip. São Francisco

1048 BERNARDO DA SILVA
Rua Sant' Luzia, 263 2-9
Juazeiro de N. S. Crã

REVENDORES:

João José da Silva

Rua S. José 112-114 - Juazeiro - Pe.

ARTUR PEREIRA - ES.

Rua Passagem, 100
C. Gerena - Maranhão - Itaguaré

Belém - Pará

RAIMUNDO OLIVEIRA

Rua do Anjo, 100 - Itaguaré - Pará
Belém - Pará

Antonio Augusto da Silva

Castelo Branco, 77 - Teresopolis - Pi.

ATENÇÃO!

Este antigo desejo de a Typ. São Francisco, completo,
desde a data de seu nascimento, a imprensa
de Crã, Juazeiro, com a primeira edição de 1850
foi feita com tão excelentes resultados. Onde
está, São Francisco, Rua Sant' Luzia 263
Juazeiro de N. S. Crã